



**Recensão a *Afterlives of Revolution:
Everyday Counterhistories in
Southern Oman*, de Alice Wilson**

Francisco Freire

Práticas da História, n.º 18 (2024): 409-413

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

Alice Wilson

*Afterlives of Revolution: Everyday
Counterhistories in Southern Oman*


Stanford: Stanford University Press, 2023, 312 pp.

Francisco Freire*

Num ensaio convictamente centrado na área disciplinar da Antropologia, Alice Wilson propõe-nos uma análise das reconfigurações pós-revolucionárias no Sultanato de Omã, a partir de trabalho de campo realizado no sudoeste do país (na região de Dhufar) em 2013 e 2015.

A carreira da autora encontra-se marcada pelos importantes contributos avançados relativamente ao Saara Ocidental¹ e, neste seu novo projecto, geograficamente distante dos confins saarianos, voltamos a encontrar algumas das questões que antes trabalhou: evolução dos processos revolucionários, desenvolvimento de estruturas estatais, pluralismo sociojurídico. Contudo, neste seu segundo terreno, a autora incorpora de maneira bastante mais afirmativa as expressões ligadas à vivência quotidiana das populações (que qualifica de *everyday interactions*), através de um olhar mais depurado, próximo, declaradamente apoiado na tradição de recolha e observação etnográfica (observação participante).

Nos textos que dedicou ao *non-self-governing territory* do Saara Ocidental evidenciava-se uma dificuldade na articulação das estruturas

* Francisco Freire (freire.francisco@fsh.unl.pt).  <https://orcid.org/0000-0002-6653-8669>. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna 26C, 1069-061 Lisboa. Receção da recensão original: 09-05-2024. Receção da versão revista: 13-05-2024. Aceitação: 20-05-2024.

¹ Alice Wilson, *Sovereignty in Exile* (Filadélfia: The University of Pennsylvania Press, 2016).

administrativas ensaiadas pela liderança (revolucionária) do território, com o seu envolvimento local mais profundo (onde se destaca a complexidade da história da região, o parentesco como fórmula privilegiada de organização social ou a profunda implantação da expressão religiosa). No caso de Omã, e com uma aposta mais clara – e porventura mais arriscada – na apresentação de exemplos quotidianos como elementos centrais da investigação², a autora terá sido mais bem-sucedida na qualificação do futuro das ideias e dos actores revolucionários, a que chama *revolutionary legacies* (num exercício sem dúvida mais simples de realizar em Omã do que no Saara Ocidental, onde a consolidação de uma ordem superadora do momento revolucionário se encontra ainda largamente indefinida após meio século de conflito).

Em *Afterlives of Revolution*, apoiando-se no reposicionamento metodológico antes assinalado, Alice Wilson declara a importância da interseccionalidade e da liminaridade quer nos processos revolucionários, quer nos programas gerados nos seus futuros, onde devem ser plenamente acolhidas, por exemplo, noções de género, etnicidade ou raça. Diz-nos também que as experiências revolucionárias retomam e reciclam relações políticas, económicas e sociais pré-existentes. Se as revoluções servem o questionamento e a suspensão de ordenamentos sociais hierarquizados³, promovendo a criação de lideranças alternativas, estas não deixam de se encontrar ligadas a fórmulas sociais reconhecidas, levando a autora a afirmar a “revolução como um processo social”⁴.

Wilson observa a pluralidade dos projectos desenvolvidos em Omã no pós-revolução, confirmando o fracasso de quaisquer eixos teleológicos dos processos revolucionários. A reflexão oferecida sobre os futuros pós-revolucionários deve servir a definição do que foi a própria revolução, apontando a superação de partições que concluem apenas do seu sucesso ou fracasso, devendo, isso sim, constatar a permanência de heranças que muitas vezes apenas posteriormente conseguem implementar algumas

2 Alice Wilson, *Afterlives of Revolution: Everyday Counterhistories in Southern Oman* (Stanford: Stanford University Press, 2023), 17-20.

3 Wilson, *Afterlives of Revolution*, 39.

4 Wilson, *Afterlives of Revolution*, 9.

das ambições definidas nos programas revolucionários. O que, segundo a autora, terá acontecido em Omã⁵. Neste sentido, Wilson descreve metaforicamente as *afterlives* da revolução como árvores que se desenvolvem e florescem, alargando os seus ramos e raízes a gerações futuras.

A cronologia do projecto revolucionário analisado neste texto liga-se à criação da Frente de Libertação do Dhufar, em 1964. No seu manifesto fundacional declara-se a luta armada como fórmula para a obtenção da independência desta região, em oposição ao regime do sultão Said ibn Taimur (1919-1972), que, baseado em Mascate, tutelava politicamente Omã com o apoio declarado de forças militares britânicas aí estacionadas (numa posição geográfica chave para o controlo da circulação marítima no Golfo Pérsico). Aquando do assassinio de um motorista de uma companhia petrolífera em 1965, a primeira acção do grupo, o movimento contaria com “trinta e sete homens e nove espingardas”⁶.

Em termos gerais, este movimento revolucionário independentista liga-se a correntes do nacionalismo árabe então dominantes (Egipto, Síria, Iraque), mas também a movimentos de inspiração marxista de âmbito mais global (Iémen, Argélia, Cuba, China e União Soviética). A autora optou por não mergulhar no labirinto revolucionário da década de 1960, decidindo centrar-se sobretudo nos herdeiros do momento revolucionário dhufari. Sem questionar a seriedade da opção tomada pela autora, seria certamente interessante termos aqui acesso a uma maior contextualização dos vínculos então estabelecidos entre o sul da Península Arábica e diferentes movimentos revolucionários.

O texto centra-se, assim, na “herança” (tradução redutora da expressão *afterlife* utilizada na obra) de um movimento revolucionário activo no terreno entre 1963 e 1976, e que hoje, como outros movimentos similares, é apenas reconhecido por alguns especialistas (assinale-se a perenidade do filme *Sā‘at al-tahrīr daqqat/ Chegou a hora da libertação*, de Heiny Srour, 1974, que imortalizou este contexto revolucionário). Contudo, para Alice Wilson, as repercussões que a imaginação revo-

5 Wilson, *Afterlives of Revolution*, 12-13.

6 Wilson, *Afterlives of Revolution*, 50.

lucionária produziu traduzem-se em “amplos espaços e temporalidades”⁷ que justificam a problematização das leituras associadas ao legado deste movimento revolucionário, das suas ideias fundadoras, dos seus protagonistas e dos seus actuais herdeiros. A incorporação destes elementos no entendimento do actual Sultanato de Omã – com extensões evidentes aos vizinhos Iémen e Arábia Saudita – definem este texto como um inovador contributo para o estudo dos envolvimentos sociais e dos modelos políticos ensaiados na região.

A observação detalhada de práticas quotidianas, associadas por vezes à intimidade familiar, leva a autora a questionar o pensamento binário que, quase sempre, consagra uma história de vencedores e vencidos no pós-revolução. Wilson apresenta-nos, isso sim, formulações expostas de forma ambígua através de subtis *hidden transcripts*, em que antigos militantes afirmam contra-histórias que introduzem no presente alguns dos projectos e ideias ensaiados no período revolucionário. São destacadas pela autora tendências igualitárias que em tudo contrariam os discursos hierarquizados – que continuam a ser hegemónicos – ligados a ordenamentos tribais, etnicidade e estatuto social: “Postwar kinship and everyday relations can reproduce counterhegemonic values that reflect legacies of social life during past upheaval, including revolution”⁸. No quadro mais restrito do parentesco, destaca-se o importante Capítulo 4 (“Kinship, values and networks”),⁹ onde a autora explora o fundamental envolvimento das esferas familiares e “tribais”, quer na inicial adesão a projectos revolucionários, quer na gestão dos seus presentes legados. A reincorporação de antigos revolucionários nos seus contextos familiares de origem, assim como a sua plena participação nas actividades quotidianas do grupo, leva a autora a interrogar-se sobre a possível prevalência de ideias e ideais revolucionários ao longo do tempo, sendo estes agora acolhidos e considerados no seio das esferas familiares.

7 Wilson, *Afterlives of Revolution*, 235 e 239.

8 Wilson, *Afterlives of Revolution*, 19-20.

9 Wilson, *Afterlives of Revolution*, 137-168.

Segundo Wilson, o legado pós-revolucionário em Omã não materializa hoje uma alteração substancial (revolucionária) do contexto social, mas à sua escala reduzida terá promovido, por exemplo, a integração de muitas mulheres em novas esferas profissionais, educativas e até políticas, ou apoiado a realização de eleições através de sufrágio universal em 2003. Neste último caso parecem manifestar-se alterações verdadeiramente revolucionárias face a ancestrais lógicas de poder, com a universalidade do voto a conduzir à incorporação de actores até então destituídos de peso político na administração pública (isto é, figuras tradicionalmente ligadas a grupos de estatuto tributário ou mesmo associadas a um passado eminentemente servil, como os descendentes de populações escravizadas). Se distantes de uma réplica consolidada do modelo proposto no final dos anos 1960, a herança revolucionária passa hoje em dia também, diz-nos a autora, por processos de “transformação pessoal” que, partindo de actores individuais, assinalam a possibilidade de alterações sociais mais profundas¹⁰.

Muito embora o foco declarado pela autora na interseccionalidade e no aprofundamento dos laços complexos que formam a sociedade dhufari e omanita – que naturalmente impregnaram também o processo revolucionário e os seus futuros –, estranha-se a pouca atenção dada ao riquíssimo panorama religioso de Omã, nomeadamente quanto à relação entre a heterodoxa liderança ibadita do sultanato e a filiação sunita (com adesão à escola jurisprudencial xafita) das populações de Dhufar.

Referência para citação:

Freire, Francisco. “Recensão a *Afterlives of Revolution: Everyday Counterhistories in Southern Oman*, de Alice Wilson”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 18 (2024): 409-413. <https://doi.org/10.48487/pdh.2024.n18.37858>.

¹⁰ Wilson, *Afterlives of Revolution*, 238.